

Mais que um corredor: uma possibilidade de divulgação para acervos universitários de história natural

More than a corridor: a possibility of communication to university collections of natural history

Jéssica Tarine Moitinho de Lima*

Resumo: Expor uma coleção museológica ligada ao patrimônio natural, em instituições de ensino ou subordinadas a ela, como a universidade, pode exigir criatividade e inovação. Este artigo tem como objetivo explorar a exposição de coleções em corredores como uma forma eficaz de superar a falta de espaço em instituições acadêmicas e promover a comunicação museológica. Por meio de estudos de casos e análises de boas práticas, serão discutidas as possibilidades e benefícios dessa abordagem, considerando a natureza didática inerente às coleções presentes em universidades. Ao fazê-lo, busca-se fornecer percepções valiosas para profissionais do campo museal e incentivar o uso criativo e estratégico dos corredores como espaços de comunicação museológica.

Palavras-chave: Museologia; Comunicação Museológica; Expografia; Patrimônio Universitário; Divulgação Científica.

Abstract: Exhibiting a museological collection linked to natural heritage, in educational institutions or subordinated to it, such as the university, may require creativity and innovation. This article aims to explore the exhibition of collections in corridors as an effective way to overcome the lack of space in academic institutions and to promote museological communication. Through case studies and analyzes of good practices, the possibilities and benefits of this approach will be discussed, considering the inherent didactic nature of collections present in universities. In doing so, it seeks to provide valuable insights for professionals in the museum field and encourage the creative and strategic use of corridors as museum communication spaces.

Key-words: Museology; Museological Communication. Exhibition. University Heritage. Scientific Communication.

Introdução

Ambientes aptos à comunicação museológica podem existir nas mais diversas instituições. Neste artigo, focaremos o objeto de análise nas universidades e, por consequência, no patrimônio universitário. Este é um tema que engloba diferentes aspectos teóricos e definições relacionadas aos bens materiais e imateriais que representam a história, a evolução cultural e o desenvolvimento político das instituições de ensino superior. Desde a Idade Média, as universidades têm sido reconhecidas como locais dedicados à preservação e transmissão do conhecimento (CLERCQ; LOURENÇO, 2003).

* Professora do Curso de Museologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). É doutora em Geologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins e Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Integra o Laboratório de Pesquisa em Reservas Técnicas na UFPA. Atualmente é curadora da coleção de patrimônio natural do curso de Museologia da UFPA. Desenvolve pesquisas sobre Museus, Acervos e Patrimônios, com foco em práticas de gestão, preservação, documentação e comunicação museológica. j.tarine.lima@gmail.com

O patrimônio cultural universitário abrange elementos que testemunham o papel da universidade como atividade humana, englobando a história da instituição e a produção do conhecimento científico (JÚNIOR; ARAÚJO, 2017). Ele inclui todos os bens tangíveis e intangíveis relacionados às instituições de ensino superior, representando a riqueza acumulada da comunidade acadêmica, seus modos de vida, valores, conquistas e função social, além dos modos de transmissão do conhecimento e capacidade para a inovação. O patrimônio universitário transcende os limites físicos das universidades, sendo também abordado por instituições museológicas ou educativas independentes (RIBEIRO, 2013).

A diversidade de bens que compõem o patrimônio universitário traz desafios, pois algumas tipologias podem ser menos exploradas do que outras, como o patrimônio geológico e paleontológico em comparação ao patrimônio histórico e artístico. No entanto, essa variedade é o que torna este patrimônio único e valorizado (TORRES, 2017; LIMA, 2021). Aqui trataremos de um patrimônio ainda mais abrangente.

O patrimônio científico abrange o conhecimento material e imaterial sobre a vida, a natureza e o universo, compartilhado como um legado coletivo da comunidade científica (LOURENÇO; WILSON, 2013). Dentro deste contexto, não podemos deixar de mencionar o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia (PCC&T), pois ele engloba uma variedade de locais e objetos, como artefatos, instrumentos científicos, laboratórios, museus e documentos (LOURENÇO & WILSON, 2013; ARAÚJO; & GRANATO, 2017). As coleções de geologia e paleontologia também fazem parte desse patrimônio, representando testemunhos do processo científico e fazendo parte dos conceitos e práticas das coleções científicas (ARAÚJO *et al.*, 2017). No entanto, é importante reconhecer a complementaridade entre as categorias de patrimônio cultural, natural e científico, especialmente no caso dos bens geológicos e paleontológicos (ARAÚJO *et al.*, 2017). Os campos da paleontologia e geologia são complexos e possuem objetos de estudo que estão interligados em vários níveis.

A literatura sobre patrimônio geológico apresenta diversos sinônimos usados por profissionais de diferentes áreas de estudo. Contudo, esses sinônimos não são substitutos, mas sim subdivisões do termo. Por exemplo, o conceito de geopatrimônio tem sido usado para abranger áreas como patrimônio geológico, geomorfológico, paleontológico, pedológico, entre outros, com cada uma dessas definições incorporando valores específicos (LIMA, 2021).

Essas diferentes definições demonstram que o campo está ativamente debatendo suas filosofias e conceitos. Neste trabalho, adotaremos a definição de patrimônio geológico proposta por Nieto (2002), que engloba recursos naturais não renováveis, como formações rochosas, estruturas e pacotes sedimentares, formas de relevo e paisagens, além de jazidas minerais e/ou fossilíferos, bem como coleções de objetos geológicos com valor científico, cultural ou recreativo. Incluem-se nesta as coleções ex-situ, que não eram comumente abordadas nas definições mais antigas, integrando todo o sentido de valoração e valorização necessários para a implementação de políticas de curadoria e preservação (LIMA, 2021).

O patrimônio paleontológico, embora relacionado ao patrimônio geológico, é considerado uma modalidade separada com características próprias em termos de posse, conservação, uso e proteção legal (DELVENE *et al.*, 2018). Os valores atribuídos a esse patrimônio vão além do patrimônio geológico, abrangendo aspectos científicos, educacionais e culturais, desafiando sua delimitação conceitual (CACHÃO; SILVA, 2004). Compreende fósseis, sítios paleontológicos e outros elementos associados, desde que possuam valores científicos, educativos ou culturais que mereçam ser preservados para as futuras gerações (KUNZLER; MACHADO, 2019). Além disso, engloba também publicações científicas, dados não publicados, fotografias, filmes, mapas e instrumentos científicos (PONCIANO *et al.*, 2011; KUNZLER *et al.*, 2014). É sobre estes patrimônios e as coleções, que se apropriam deles como forma de valoração e valorização, que traçar-se-á uma lógica para abordar uma forma de comunicação museológica comum a eles.

A comunicação das coleções científicas é essencial para transmitir seu valor ao público em geral e especializado, promovendo sua compreensão e incentivando atitudes de conservação (MANSUR *et al.*, 2013). Assim como um corpo humano precisa dos pulmões para se manter vivo, uma coleção não está completa se não houver comunicação com o público (LIMA, 2021). A divulgação do patrimônio geológico para a sociedade é crucial para sua valorização e preservação, independentemente da linguagem utilizada, seja científica ou popular (MANSUR *et al.*, 2013b).

Em um ambiente universitário, a comunicação geralmente ocorre em museus, quando a instituição acadêmica possui um, mas também pode ser realizada por meio de projetos de extensão que estão alinhados aos princípios e objetivos da universidade (LIMA, 2021). Algumas universidades têm coleções científicas em exposição, seja dentro de museus ou não, que são acessíveis ao público em geral,

mas com foco principalmente no público interno. Embora esses bens expostos ainda possam ser utilizados em pesquisas, aqueles que não se beneficiam dessa prática gradualmente perdem sua função científica predominante, sendo substituída pela função de divulgação (ALMEIDA, 2001; LIMA, 2021).

A comunicação museológica será analisada em seu viés expositivo. As exposições fazem parte de um sistema de comunicação com uma lógica e propósito específicos. Seu objetivo principal é representar e comunicar histórias, tradições, novidades, conhecimentos, bem como diferentes modos de viver e agir que desempenham um papel fundamental na divulgação e compartilhamento de informações, promovendo a interação e o engajamento dos espectadores. Ao criar um ambiente propício para a apresentação e interpretação de conteúdos, estes elementos contribuem para a disseminação e preservação da cultura, conhecimento e identidade (BORDINHÃO & VALENTE & SIMÃO, 2017; SANTOS, 2020).

Antes de nos aprofundarmos no objeto de estudo deste artigo, é crucial oferecer um contexto que compreenda a situação da gestão das coleções representadas aqui. No Brasil, a gestão universitária tende a direcionar seus investimentos principalmente para pesquisas, resultando em desigualdades na valoração das coleções. Os espaços disponíveis nessas instituições são limitados e disputados, e muitas vezes, a falta de compreensão por parte dos pares acerca do valor das coleções, frequentemente referidas como "a coleção do professor" em vez de "a coleção da universidade", adicionando um desafio adicional.

A situação dessas coleções é notável, uma vez que a maioria delas encontra-se dispersa por instituições que enfrentam carência de recursos e falta de pessoal qualificado para sua preservação e divulgação adequadas. Cerca de 10% desse patrimônio científico encontra abrigo em museus (CASTRO; LIMA, 2017). Diante desse cenário, torna-se evidente a necessidade de examinar e abordar a gestão dessas coleções de maneira mais eficaz e estruturada, considerando os desafios significativos que o patrimônio científico enfrenta no contexto brasileiro.

Sob tal perspectiva, o objetivo a ser alcançado por esta publicação é de investigar a exposição de coleções em corredores como uma solução efetiva para lidar com a escassez de espaço em instituições acadêmicas e promover a comunicação museológica. Serão examinados estudos de caso e práticas exemplares para discutir as oportunidades e vantagens deste enfoque, levando em consideração a natureza instrutiva inerente às coleções encontradas em universidades. Assim, busca-se oferecer perspectivas valiosas aos profissionais do campo e estimular a utilização

criativa e estratégica dos corredores como espaços expositivos em instituições acadêmicas.

1. Procedimentos metodológicos

Os métodos adotados neste artigo basearam-se em uma abordagem de pesquisa que envolveu a análise de estudos de caso e práticas exemplares. Inicialmente, foi realizada uma extensa pesquisa bibliográfica (GALVÃO; RICARTE, 2020) para obter uma visão abrangente sobre o tema, explorando publicações acadêmicas, artigos científicos, livros e outras fontes relevantes relacionadas às temáticas aqui abordadas.

A partir dessa pesquisa preliminar, foram selecionados estudos de caso que demonstraram de forma efetiva a implementação bem-sucedida da estratégia de exposição de coleções em corredores e representaram diferentes instituições acadêmicas e museus que enfrentaram desafios semelhantes, oferecendo exemplos valiosos sobre as oportunidades e vantagens dessa abordagem. Além disso, foram analisadas práticas exemplares no campo da comunicação museológica, buscando identificar estratégias inovadoras e eficazes para envolver o público-alvo, com base em sua relevância e aplicabilidade ao contexto da exposição de coleções em corredores.

Por meio dessa combinação de estudos de caso e práticas exemplares, buscou-se fornecer uma visão abrangente sobre as possibilidades e benefícios da exposição de coleções em corredores como forma eficiente de comunicação museológica. Ela permitiu identificar tendências, desafios comuns, soluções criativas e lições aprendidas que enriqueceram a discussão e embasaram as conclusões.

2. Breves considerações sobre como expor

Antes de nos aprofundarmos nas análises e reflexões específicas deste artigo, é relevante apresentarmos algumas considerações teóricas sobre exposições, bem como as particularidades dessas exposições em contextos educacionais.

A história das exposições museológicas tem origem nos museus, que tradicionalmente foram os principais locais para sua realização. Ao longo dos séculos, os museus têm refletido as mudanças ocorridas no mundo das artes e das ciências. Exposições são narrativas complexas compostas por elementos diversos, representando ideias, teorias ou conceitos por meio da disposição de obras em um

espaço específico, com diferentes modos de exibição (SILVEIRA, 2021). Elas evoluíram ao longo do tempo, saindo de eventos restritos ao clero e à nobreza para se tornarem acessíveis a diversas camadas sociais (SANTOS, 2020).

A literatura que aborda a exposição de coleções de história natural costuma traçar uma linha do tempo desde os gabinetes de curiosidades do século XVI. Esses gabinetes exibiam uma variedade de objetos em duas categorias distintas: naturalia e artificialia. Entre esses objetos, estavam plantas e animais exóticos, deformidades embrionárias de animais, cerâmicas, pergaminhos, indumentárias rituais, fósseis, conchas e rochas ou minerais raros. Essas coleções particulares eram mantidas em salões e residências nobres, gerando as primeiras coleções mineralógicas (LIMA, 2021). As primeiras exposições eram herméticas, sendo compreendidas e interpretadas principalmente por pesquisadores, resultando em uma abordagem passiva por parte do visitante comum (CURY, 2005). Essa estrutura permaneceu por muitos anos.

Embora este artigo não tenha o intuito de traçar uma linha do tempo completa das exposições, é relevante destacar alguns pontos-chave para compreender o formato a ser analisado aqui. As exposições universais do século XIX, por exemplo, eram grandes mostras de objetos e materiais de várias nações, com caráter enciclopédico e informativo, visando à disseminação do conhecimento. No entanto, essas exposições frequentemente exibiam muitos objetos ao mesmo tempo, o que dificultava a compreensão por parte dos visitantes.

Ao longo do tempo, os museus de ciência, incluindo as coleções de geologia e paleontologia, têm buscado intensificar seus esforços de comunicação e educação, resultando em novas abordagens conceituais, estéticas e educativas para as exposições. Um exemplo desse enfoque é a utilização de dioramas em museus de história natural, que são representações visuais usadas para expor aspectos da ecologia e informar o público sobre conhecimentos científicos (MORAES, 2014). Dioramas têm marcado presença de forma nos museus nos séculos XIX e XX, e várias investigações têm sido conduzidas para avaliar seu potencial junto a diferentes públicos (MARANDINO, LAURINI, 2018). No século XX, a cenografia dramatizada passou a ser utilizada para atrair o público e criar uma relação interativa com as obras (GONÇALVES, 2004).

No início do século XX, as técnicas modernas de exposição começaram a ganhar destaque, à medida que designers e arquitetos passaram a enxergar os espaços de maneira diferente. Em vez de criar ambientes altamente decorados,

passou-se a considerar paredes, chão e teto como planos de atuação. Essa abordagem inovadora permitiu a apresentação dinâmica e interativa dos objetos, contrastando com a concepção anterior de criar ambientes semelhantes a altares (SANTOS, 2020).

No final do século XX, com o avanço dos estudos em museografia e formas de exposição, surgiu o termo "expografia" ao combinar "exposição" e "descrição". Essa técnica pode ser compreendida como a arte de "escrever a exposição", buscando linguagem e expressão adequadas para transmitir o programa científico de uma exposição. Isso se diferencia tanto da decoração, que se baseia em critérios estéticos simples, quanto da cenografia, que, exceto em aplicações específicas, utiliza elementos expositivos como instrumentos de espetáculo (SILVEIRA, 2021).

Neste período, houve uma mudança significativa no design de exposições com a introdução do formato interativo. Inicialmente voltadas para temas científicos, essas exposições permitiram aos espectadores fazer suas próprias experiências devido à grande aceitação dessas exposições "*hands-on*". Isso se direciona principalmente para a educação, já que a ação é uma forma fundamental de aprendizado. As exposições têm se adaptado às mudanças artísticas, tecnológicas e sociais, proporcionando experiências enriquecedoras ao público (SANTOS, 2020).

Recentemente, as exposições têm sido criadas por equipes visando a compreensão e o estímulo de atitudes ativas nos visitantes. Estas equipes abordam questões sobre os métodos de aprendizagem, o conteúdo e as técnicas de ensino, além das estratégias mais eficazes de comunicação expográfica. Surgiram equipes interdisciplinares, compostas por pesquisadores, educadores, designers e museólogos, que trabalham juntos para desenvolver abordagens que proporcionem experiências mais envolventes e interativas para o público, considerando diferentes perspectivas e habilidades especializadas (CURY, 2005).

A história demonstra que as formas de exposição se adaptam e modificam de acordo com os costumes e percepções da sociedade. Nesse contexto, o uso de corredores como espaços de exposição não é uma ideia nova. No entanto, quando aplicada considerando conceitos modernos de expografia, essa abordagem pode se tornar uma solução eficaz e inovadora.

3. Mais que um corredor

A história das exposições revela uma conexão interessante com a forma mais comum de expor em corredores, mesmo diante de todas as mudanças ao longo do tempo. Este método de expor o objeto sem ou com pouca contextualização demonstra uma notável semelhança com os métodos primordiais utilizados no passado. Cabe a esta discussão evidenciar, que apesar de comum, esta abordagem não é a mais indicada. Veremos no decorrer deste texto oportunidades de melhoria ligadas à expografia que se afastam da técnica de exposição do objeto por ele mesmo, aproximando-se de questões da comunicação museológica de bens científicos em uma instituição de ensino.

As coleções presentes em universidades possuem uma natureza didática inerente, desempenhando um papel fundamental no processo de aprendizagem dos discentes. Elas oferecem uma oportunidade única de acesso a objetos, artefatos e materiais de valor educativo, enriquecendo a experiência acadêmica dos estudantes. Ao serem expostas nos corredores, as coleções se tornam elementos tangíveis e visíveis no ambiente cotidiano dos discentes durante sua permanência na instituição. Essa proximidade facilita o contato direto com o conhecimento, permitindo que os estudantes observem, analisem e compreendam aspectos importantes de diversas áreas do conhecimento, como história, ciências naturais, artes, entre outras. A imersão no universo das coleções estimula a curiosidade, a criatividade e o pensamento crítico dos discentes, proporcionando uma educação mais abrangente e significativa ao longo de sua jornada acadêmica.

Nas mais diversas instituições museológicas, os espaços disponíveis para exposições são variados e muitas vezes limitados. Nas universidades brasileiras, é comum encontrar departamentos que abrigam múltiplas coleções, porém, muitas vezes, os próprios pesquisadores que trabalham nesses locais as desconhecem e não valorizam as que estão ao seu lado (LIMA, 2021; LIMA & CARVALHO, 2022).

Existem diversos exemplos de divulgação que utilizam a exposição como meio de transmitir conteúdo e discurso científico. Entre esses exemplos, algumas coleções optaram por utilizar os corredores da universidade como forma de divulgação. A criação de pequenas exposições se revelou uma maneira eficiente de disponibilizar uma parte da coleção para a comunidade acadêmica. Tal abordagem permite que as pessoas tenham acesso direto às peças expostas, promovendo a interação e o

compartilhamento de conhecimento entre os visitantes e as coleções (LIMA, 2021; LIMA & CARVALHO, 2022).

A exposição em corredores pode ser uma forma eficaz de implementar a estratégia de preservação ex-situ. Ao utilizá-los como espaços expositivos, as instituições têm a oportunidade de disseminar não só os bens culturais, mas também as coleções como instituição. Enriquecendo a comunicação com os públicos próximos a ela, sendo estes os discentes, docentes, técnicos e visitantes que circundam o local.

Um bom exemplo de coleção que se empodera do espaço de circulação dos alunos como forma de comunicação museológica é a Coleção de Geologia da Universidade Federal da Bahia (Figura 1). Pode-se observar que o espaço é eficientemente ocupado por elementos expositivos que contextualizam os bens culturais com a realidade dos discentes dos cursos de geociências que normalmente percorrem estes corredores.

Figura 1- Exposição Fósseis do Brasil, da coleção de Geologia e Paleontologia da Universidade Federal da Bahia. A) Detalhe da placa indicativa do título da exposição; B) Expositor utilizado para exibição de bens geológicos; C) Placas informativas com imagens contextualizadoras.



Fonte: A) LIMA, 2022, p.161; B e C) Jéssica Tarine, 2019.

Coleções universitárias nem sempre possuem vínculo com instituições museológicas que permitam a sua exibição nestes locais tradicionais. Acrescenta-se a isso a dificuldade em se conseguir um espaço dentro da universidade para criação de salas de exposição. Enquanto o acervo cresce constantemente, a necessidade de encontrar soluções criativas para expor de forma acessível e significativa se torna cada vez mais urgente. A utilização dos corredores como espaços expositivos em

instituições acadêmicas torna-se uma solução prática para a escassez de espaço físico, tornando as coleções acessíveis a um público mais amplo.

A falta de controle no acúmulo de objetos nas reservas técnicas pode resultar em dificuldades para realizar atividades de documentação, inventário e conservação dos acervos, além de prejudicar a comunicação do patrimônio por meio de exposições e ações educativas (CÂNDIDO; ROSA, 2014). Embora as coleções científicas sejam normalmente abertas para receber novos itens que contribuam para pesquisas e o ensino de ciências naturais, é irrealista pensar que elas possam crescer indefinidamente (LIMA, 2021; LIMA & CARVALHO, 2022). Logo, a solução aqui apresentada não se aplica a todos os contextos e deve levar este assunto em consideração ao ser aplicada em qualquer instituição.

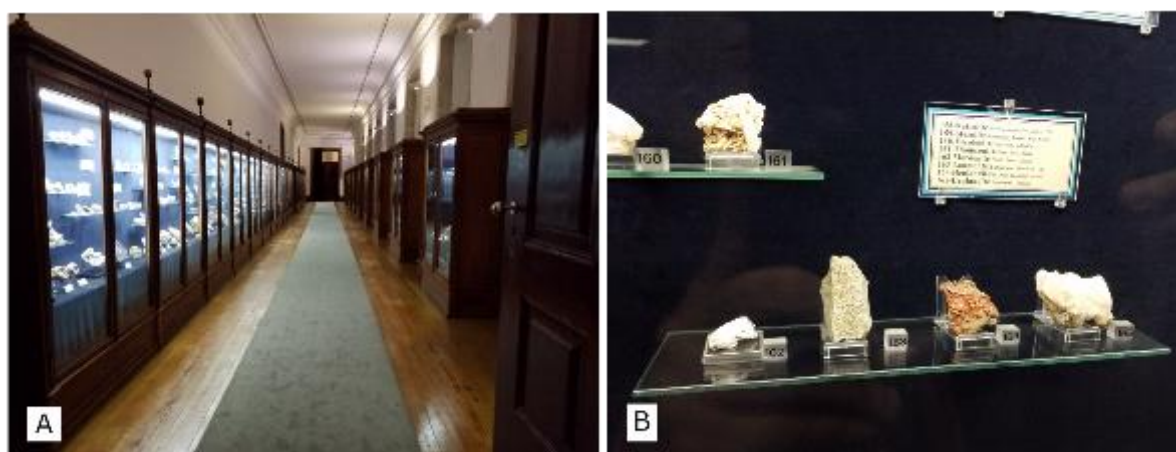
Nesse caso, a exposição de coleções em corredores surge como uma solução promissora. Estes espaços são geralmente subutilizados em instituições acadêmicas, podem se transformar em espaços multifuncionais, capazes de lidar com a falta de espaço físico e, ao mesmo tempo, proporcionar uma valiosa oportunidade de comunicação museológica. Trata-se de uma solução diretamente ligada à questão da falta de espaço, permitindo que as instituições exibam seus bens mesmo quando outras opções são limitadas. Ao utilizá-los como galerias, é possível aproveitar um espaço antes negligenciado e transformá-lo em uma área expositiva acessível e de fácil circulação. Além disso, ao exibir os bens em corredores, as instituições acadêmicas podem enfrentar outro desafio importante: a gestão crescente das coleções sem políticas definidas de aquisição e descarte. Essas, muitas vezes acumuladas ao longo dos anos, podem encontrar uma função didática dentro das universidades.

A disposição das exposições nos corredores permite uma interação contínua com os visitantes, uma vez que esses espaços são frequentemente percorridos, tornando a exposição uma parte integrante da experiência do público. A vista disso, ela se estabelece como uma prática consolidada e comprovada, proporcionando benefícios tanto para as instituições quanto para o público envolvido. Em um cenário onde a interação entre as instituições e o público é cada vez mais valorizada, os corredores oferecem uma oportunidade única de estabelecer conexões imediatas com os visitantes.

Ao transformar esses espaços de passagem em galerias expositivas, é possível alcançar um público mais amplo e diversificado, aumentando a visibilidade do acervo e promovendo a interação direta com as obras e objetos expostos. Colocar

objetos no corredor de uma exposição pode trazer várias vantagens. Essa abordagem permite uma visualização mais clara e direta dos objetos, criando um percurso linear (Figura 2) que guia o olhar do visitante. Além disso, o espaço pode ser utilizado de maneira eficiente para apresentar uma sequência lógica de peças ou contar uma narrativa visual.

Figura 2 - Exposição de bens geológicos na Universidade de Coimbra. A) Vista do corredor com expositores em sequência; B) Detalhe das amostras em exposição.



Fonte: Jéssica Tarine, 2023.

Em certos casos, o corredor pode desempenhar o papel de uma extensão da sala de exposição. Ao aproveitar o espaço adjacente à área expositiva, é possível ampliar o escopo do discurso, proporcionando um percurso contínuo e fluido para os visitantes. Isso permite a inclusão de elementos adicionais, como painéis informativos, vitrines temáticas ou bens de outras coleções relacionadas, enriquecendo a experiência e promovendo uma imersão mais completa na coleção. O corredor, nesse contexto, torna-se uma galeria expandida, estendendo as possibilidades de interação e apreciação do público com o acervo em exibição.

A cenografia (Figura 3) oferece vantagens significativas, como uma comunicação eficaz por meio de elementos visuais e narrativos, a criação de uma experiência imersiva para os visitantes, o estímulo à criatividade dos estudantes, a diferenciação e atratividade da exposição, além do valor educacional proporcionado pela contextualização do conteúdo apresentado. No geral, a cenografia eleva estes impacto, tornando-as mais envolventes, educativas e memoráveis.

Figura 3 - Exposição de bens da coleção de paleontologia da Universidade Federal do Pernambuco, nos espaços de circulação dos alunos, em corredores e halls, entre as salas de aula e os laboratórios. A) vitrines; B) cenografia; C) vitrines em primeiro plano e o fundo prateleiras.



Fonte: Jéssica Tarine, 2019.

Uma vantagem adicional de se ter cenografia em exposições que ocupam corredores é a criação de uma sensação de fluidez e direcionamento (Figura 4A). Ao utilizar elementos cenográficos ao longo do local, como arcos decorativos, sinalização temática e caminhos delimitados, é possível guiar os visitantes de forma intuitiva e organizar o fluxo de pessoas de maneira eficiente. Isso evita congestionamentos e facilita a exploração contínua, garantindo que todos os pontos sejam visitados de forma ordenada. A cenografia, portanto, não apenas torna o local visualmente atraente, mas também melhora a experiência de navegação dos visitantes.

A exposição de coleções em corredores apresenta desafios práticos que exigem considerações cuidadosas para garantir a preservação dos bens, a segurança dos visitantes, a iluminação adequada, a acessibilidade e um planejamento eficiente. Um dos principais desafios é assegurar a proteção e a conservação das obras expostas e do próprio público (MORAES, 2014).

Os corredores, por serem espaços de trânsito, estão sujeitos a riscos de danos acidentais. Para lidar com isso, é essencial adotar medidas de segurança, como a instalação de barreiras de proteção física ou o uso de vitrines para proteger as peças mais sensíveis. O que impacta diretamente nas possibilidades de expositores a serem utilizados, mas isso não deveria limitar a criatividade do designer de exposição.

Dentro do contexto museológico, a exposição desempenha um papel fundamental na apresentação e conservação dos objetos do acervo. A evolução técnica nas últimas décadas tem levado a um conhecimento mais aprofundado sobre a preservação e o design. A colaboração entre curadores, museólogos, designers, arquitetos e conservadores é essencial para o seu sucesso. As exposições de longa duração requerem cuidado especial desde a concepção até a instalação, considerando critérios de conservação. As vitrines desempenham um papel crucial na proteção física e na apresentação estética dos objetos, garantindo acesso público e reforçando a confiança no museu. É importante criar condições favoráveis dentro das vitrines, mantendo estabilidade ambiental e utilizando materiais adequados para evitar a deterioração dos objetos (WILHELM, 2005).

A iluminação desempenha um papel crucial nas exposições, influenciando a visualização e as emoções despertadas nos visitantes (WILHELM, 2005). Os corredores podem apresentar desafios em relação à iluminação natural e artificial. É essencial garantir uma iluminação adequada que realce as peças, ao mesmo tempo evitando a exposição excessiva à luz, que pode causar danos aos materiais sensíveis. Uma solução eficaz é a utilização de sistemas de iluminação direcionada e controlada, como spots ou trilhos de luz, que permitem um destaque apropriado das obras expostas, enquanto se preserva sua integridade.

Para garantir a integridade dos objetos do acervo, é importante considerar o tipo de iluminação, sua intensidade e tempo de exposição. Medidas como redução do tempo de exposição, uso de filtros UV e controle da iluminação são necessárias para preservar os objetos. A escolha adequada das lâmpadas, com atenção aos níveis de radiação UV emitida, é essencial. O uso de películas, vidros e revestimentos protetores ajuda a reduzir a incidência de radiação UV. A iluminação de fibra óptica é uma opção recomendada, permitindo um destaque focalizado dos objetos sem riscos de danos físicos ou fotoquímicos. O controle da intensidade da luz pode ser realizado através do número de fios condutores e diâmetro da fibra óptica (WILHELM, 2005).

Reconhece-se a relevância de incorporar não somente exemplos técnicos e bem-sucedidos de exposições, mas também de introduzir as vantagens de uma clara narrativa expositiva. Embora os casos paradigmáticos abordados no texto proporcionem discernimentos significativos sobre abordagens técnicas, faz-se necessário incluir um exemplo detalhado de uma narrativa curatorial, enriquecendo ainda mais a discussão.

Com uma consciência crítica aguçada sobre o funcionamento do discurso museológico, os profissionais do museu têm a capacidade de empregar técnicas advindas da teoria para conceber exposições verdadeiramente inovadoras, envolventes, explorando metáforas instigantes e desafiando convenções, resultando em experiências expositivas que transcendem a mera apresentação de artefatos e informações. Dessa forma, as exposições se transformam em plataformas de discussão e análise crítica, incentivando o público a compreender de maneira mais profunda as nuances da história e sua relevância contínua na contemporaneidade (FRANCIS, 2015).

A relevância contínua das exposições na contemporaneidade é um tema destacado por Francis (2015). Para que uma exposição seja compreensível e eficaz na comunicação com os visitantes, vários elementos desempenham um papel crucial. Mesmo em situações em que um visitante é apenas um passageiro em um corredor, há maneiras de alcançar uma comunicação impactante. Uma exposição eficaz é construída com uma narrativa clara e coerente. O uso de uma estrutura lógica, onde cada elemento é organizado em uma sequência compreensível, ajuda a guiar os visitantes através da exposição. Além disso, a curadoria deve selecionar informações relevantes e interessantes, evitando sobrecarregar o público com detalhes excessivos.

Para se comunicar com sucesso, a exposição deve envolver os sentidos dos visitantes. O uso de elementos visuais, como gráficos, imagens e objetos, ajuda a criar uma conexão imediata. Além disso, incorporar elementos interativos, como telas sensíveis ao toque ou estações de áudio, permite aos visitantes explorar os conteúdos de maneira mais envolvente. A clareza da linguagem é fundamental. Evitar linguagem técnica complexa e optar por uma abordagem mais acessível torna as informações mais facilmente assimiláveis. O uso de histórias pessoais, exemplos do cotidiano e analogias pode tornar os conceitos abstratos mais tangíveis e relevantes.

Mesmo para os visitantes que passam rapidamente por um corredor, é possível criar impacto. A disposição visual dos elementos, a escolha estratégica de elementos de destaque e o uso de mensagens breves, porém impactantes, podem capturar a atenção e transmitir uma mensagem memorável em um curto espaço de tempo.

Ao apresentar uma organização narrativa concebida pela curadoria, pode-se ilustrar de maneira mais evidente a oportunidade de promover a educação por meio da percepção visual, demonstrando como a estrutura narrativa pode influenciar a compreensão e a apreciação das coleções em exposição. Esta inclusão alinha-se ao

objetivo de incentivar abordagens criativas e estratégicas na utilização dos corredores como espaços de comunicação museológica, enriquecendo o impacto das exposições.

Corredores expositivos também devem ser projetados levando em consideração o design da exposição (Figura 4), o que nem sempre acontece, prejudicando a comunicação entre o objeto exposto e o receptor. Em algumas ocasiões, as coleções podem não contar com uma equipe especializada na montagem e o que pode resultar em lacunas na identidade visual da mostra. No entanto, é importante destacar que a própria iniciativa de realizar a exposição já desperta interesse entre os transeuntes, permitindo uma apreciação tangível da coleção e de suas potencialidades. Considerando que estamos lidando com um ambiente acadêmico, é aconselhável estabelecer uma parceria, quando possível, com o curso de museologia da instituição, a fim de aprimorar a narrativa expositiva e a abordagem técnica. Isso contribuirá para uma experiência mais enriquecedora e impactante para o público.

Figura 4 - Corredor expositivo do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, vinculado a Universidade de Lisboa A) Vista do corredor com detalhe de identidade visual fixado ao teto; B) Detalhe das vitrines com cores de papel de parede; C) Detalhe cenográfico de bem fixado ao teto.



Fonte: Jéssica Tarine, 2019

Os textos contextualizadores desempenham um papel fundamental na comunicação de informações e no enriquecimento da experiência do público em diversas exposições. Esses, em corredores, muitas vezes apresentados como legendas expandidas, vão além de simplesmente descrever os objetos exibidos, proporcionando um contexto mais amplo e significativo para as peças em questão. Eles fornecem percepções históricas, culturais, científicas ou artísticas que permitem

aos visitantes compreenderem a relevância e a importância das obras expostas. Além disso, os textos contextualizadores também têm o poder de estabelecer conexões entre diferentes elementos, criando uma narrativa coesa que envolve o público de maneira mais profunda. Ao contextualizar adequadamente os bens, elas se tornam mais acessíveis e envolventes, promovendo maior aprendizado e apreciação por parte dos visitantes, que são incentivados a refletir e interpretar as obras em um contexto mais amplo.

Embora etiquetas possam fornecer informações técnicas sobre o objeto, é raro encontrar nos corredores uma abordagem que traga uma contextualização adequada. Essa falta de contextualização limita a compreensão mais ampla e profunda do visitante, deixando-o apenas com informações superficiais sobre o objeto em questão. Para uma experiência mais enriquecedora, é essencial buscar formas de integrar a história, o contexto e as conexões entre os objetos expostos, a fim de proporcionar ao público a visão mais completa e significativa da temática abordada. Um bom exemplo desta prática positiva é a exposição no hall do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo (Figura 5).

Figura 5 - Exposição de bens geológicos no hall do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo, vinculada ao Museu de Geociências. A) dois tipos de legenda uma com informações técnicas sobre a rocha e outra legenda expansiva contextualizando o grupo exposto; B) legenda expandida sobre os minerais expostos mostrando os possíveis usos.



Fonte: Jéssica Tarine, 2019.

As exposições em corredores têm um papel importante na divulgação científica e cultural. Porém é fundamental que elas evoluam além da concepção histórica de simplesmente dispor diversos objetos de forma enciclopédica. O público jovem atual busca uma conexão mais profunda e significativa com os bens expostos, indo além das informações facilmente acessíveis na palma da mão. Para cativar e inspirar os visitantes, é necessário adotar abordagem mais interativa e imersiva nos corredores

de exposição. Isso pode ser alcançado adicionando elementos tecnológicos, narrativas envolventes, histórias impactantes e experiências sensoriais, tornando a visita mais atraente e memorável. Os jovens de hoje, nativos digitais, desejam participar ativamente da experiência.

Com o avanço das tecnologias, como a internet e as redes sociais, houve mudança significativa na forma como o público enxerga as exposições. Os jovens estão cada vez mais imersos no mundo virtual e utilizam a tecnologia como meio de acesso. Nesse cenário, os museus precisaram se adaptar, expandindo suas campanhas publicitárias para atrair o público mais jovem, que já não responde às técnicas tradicionais. Atualmente, com tudo disponível na internet, as exposições precisam encontrar maneiras inovadoras de se destacar e oferecer uma experiência virtual cativante para alcançar esse público (SANTOS, 2020).

Vale lembrar que desde o final do século XX, os museus de ciência vem implementando em suas exposições aspectos de interatividade (SILVEIRA, 2021). A comunicação museológica desempenha um papel crucial na transmissão de mensagens e histórias relevantes para o público. Os corredores, ao serem utilizados como espaços expositivos, oferecem uma oportunidade única para transmitir conhecimentos por meio da disposição das coleções, elementos visuais e tecnologias interativas. A disposição estratégica das peças ao longo destes locais permite a criação de narrativas visuais, enquanto elementos como painéis informativos e gráficos explicativos complementam a experiência. Além disso, a incorporação de tecnologias interativas, como telas sensíveis ao toque, promove um envolvimento mais participativo e imersivo do público. Os corredores desempenham um papel relevante na comunicação museológica, proporcionando experiência enriquecedora e acessível para os visitantes, despertando seu interesse e promovendo uma compreensão mais profunda dos bens expostos.

A acessibilidade também é um fator crucial a ser considerado na exposição em corredores. Garantir que pessoas com diferentes habilidades possam desfrutar plenamente da exposição é fundamental. Para isso, é importante planejar uma disposição acessível, com espaços amplos o suficiente para permitir a circulação livre de cadeiras de rodas e outras necessidades de mobilidade. Além disso, a disponibilização de materiais informativos em formatos acessíveis, como audiodescrições e legendas em Braille, contribui para uma experiência inclusiva (COHEN; DUARTE; BRASILEIRO, 2012). Ressalta-se que a ideia é gerar a

acessibilidade por meio da integração e não da adaptação, sendo vital o planejamento desta desde a concepção da exposição.

A Carta do Rio de Janeiro (2017) destaca a importância de envolver a sociedade na preservação do PCC&T, por meio de processos dialógicos e participativos. Além disso, o documento ressalta o potencial do PCC&T na divulgação científica e na promoção da cultura científica para um público mais amplo (MAST, 2017). É fundamental destacar o valor das práticas de divulgação das coleções, tanto para o público interno quanto externo às universidades (NOVAES, 2018). Por que não pensarmos na comunidade acadêmica como parte essencial desta sociedade citada na carta?

A conscientização da comunidade acadêmica sobre os acervos existentes na universidade e as pesquisas conduzidas pela coleção desempenham um papel fundamental no fortalecimento do patrimônio cultural e científico da instituição. É essencial que os estudantes, professores e demais membros da comunidade estejam cientes da riqueza e diversidade dos acervos disponíveis, bem como do potencial de pesquisa e descoberta que eles oferecem.

Ao promover a conscientização sobre os acervos, a universidade estimula a valorização e a preservação do seu patrimônio. Iniciativas como essa permitem aos membros da comunidade acadêmica terem acesso direto às coleções e conhecerem seu valor histórico, científico e cultural. Essa conscientização não apenas fortalece a identidade da universidade, mas também promove o senso de pertencimento e orgulho por parte da comunidade acadêmica.

A conscientização sobre as pesquisas conduzidas nestes locais é fundamental para incentivar a colaboração acadêmica e a exploração contínua do acervo. Estudantes e pesquisadores podem se beneficiar ao conhecer as possibilidades de pesquisa oferecidas pelas coleções, seja na área de história, ciências naturais, arte ou qualquer outra disciplina relacionada. Isso pode levar a parcerias interdisciplinares, descobertas inovadoras e avanços científicos significativos. Compartilhar informações sobre as pesquisas em andamento e seus resultados cria um ambiente de troca de conhecimentos e estimula o engajamento intelectual entre os membros da universidade.

Conscientizar a comunidade acadêmica sobre os acervos existentes na universidade e as pesquisas conduzidas pelas coleções é uma forma de preservar, promover e explorar de maneira eficaz o patrimônio da instituição. Valorizar e

compartilhar esse conhecimento fomenta a curiosidade, criatividade e inovação entre os membros, enriquecendo o ambiente acadêmico e contribuindo para o avanço do conhecimento. É essencial investir em iniciativas que promovam essa conscientização, garantindo que os acervos e as pesquisas sejam apreciados, estudados e aproveitados ao máximo pela comunidade acadêmica.

4. Considerações finais

A comunicação museológica desempenha um papel fundamental na transmissão de mensagens e histórias relevantes para o público. É por meio dessa comunicação eficaz que estas instituições com potencial museal conseguem despertar o interesse, transmitir conhecimentos e promover um envolvimento significativo com suas coleções.

As exposições museológicas têm uma história rica e evolutiva, desde os gabinetes de curiosidades até as exposições universais. Ao longo dos séculos, os museus se adaptaram e buscaram novas abordagens conceituais e estéticas para elas, com ênfase na comunicação e educação. Dioramas, cenografias dramatizadas e técnicas de expografia foram introduzidas para envolver o público e transmitir conhecimentos científicos e culturais. Equipes interdisciplinares passaram a desenvolver abordagens mais envolventes e interativas, considerando diferentes perspectivas e habilidades especializadas. As exposições são instrumentos importantes para a preservação, divulgação e valorização da cultura, arte e conhecimento, adaptando-se às mudanças sociais e tecnológicas para proporcionar experiências enriquecedoras ao público.

A exposição em corredores de instituições acadêmicas se mostra uma solução prática e eficaz para promover a comunicação museológica e lidar com a falta de espaço físico, desde que pensada pelo viés da comunicação museológica. Essa abordagem possibilita a valorização das coleções, o compartilhamento de conhecimento e o engajamento da comunidade acadêmica e do público em geral. Os corredores, quando utilizados como espaços expositivos, ampliam o alcance do acervo e proporcionam uma experiência enriquecedora aos visitantes.

Elas oferecem uma oportunidade única de comunicação museológica, mas também apresentam desafios práticos que requerem considerações cuidadosas. A preservação das peças, a iluminação adequada, a acessibilidade e o planejamento são aspectos fundamentais a serem avaliados. Medidas de segurança, como barreiras

de proteção física e vitrines seguras, são necessárias para proteger as peças expostas. A iluminação deve ser cuidadosamente planejada para destacar as peças sem causar danos. A falta de uma equipe especializada na montagem das exposições pode resultar em lacunas na identidade visual da mostra, mas a iniciativa por si só desperta interesse e valoriza a coleção. Parcerias com cursos de museologia podem aprimorar a narrativa expositiva. A contextualização adequada e a integração de elementos visuais e tecnologias interativas são essenciais para transmitir mensagens relevantes. A acessibilidade também deve ser observada, garantindo espaços amplos e materiais informativos em formatos acessíveis. A exposição desempenha um papel importante na comunicação museológica, oferecendo uma experiência enriquecedora e acessível para os visitantes.

Os corredores das universidades têm sido subutilizados como espaços de exposição e comunicação, limitados ao seu papel tradicional de trânsito. No entanto, eles representam uma oportunidade valiosa para melhorar a experiência do visitante e promover o conhecimento do acervo. Transformar esses locais em galerias dinâmicas e estimulantes oferece aos estudantes, professores e visitantes a chance de se conectar com diversas disciplinas e formas de conhecimento. Esses espaços podem abrigar exposições temáticas, apresentando bens científicos e projetos acadêmicos relevantes, proporcionando um ambiente imersivo e enriquecedor. Ao repensar o papel dos corredores, as universidades podem criar locais de interação, diálogo e reflexão, estimulando o engajamento dos alunos e valorizando o patrimônio acadêmico.

A transformação dos corredores universitários em espaços de exposição e comunicação museológica oferece uma oportunidade única para promover o conhecimento e fortalecer a identidade acadêmica. Essa abordagem inovadora amplia o impacto cultural e educacional das instituições de ensino, criando um ambiente inspirador onde o aprendizado transcende as salas de aula. Ao reimaginar esses espaços, as universidades valorizam seu acervo e despertam o interesse dos visitantes, oferecendo uma experiência enriquecedora. Os corredores se tornam locais de descoberta, valorização do patrimônio e interação entre estudantes e visitantes, reforçando a importância do conhecimento compartilhado e a relevância da instituição acadêmica.

Faz-se necessário um apontamento crítico em relação aos desafios enfrentados no que diz respeito ao espaço e à preservação de coleções universitárias. Reconhece-se que, embora o artigo demonstre a busca por soluções práticas, também

é fundamental manter o foco na necessidade contínua de investimentos para a manutenção adequada das coleções, especialmente aquelas ligadas à ciência e tecnologia. É necessário ter uma abordagem crítica em relação a essas questões para compreender uma visão mais abrangente das complexidades enfrentadas pelas instituições acadêmicas na gestão de seus acervos. Isso inclui não apenas a exibição criativa em corredores, mas também as preocupações subjacentes quanto à conservação, acessibilidade e disponibilidade das coleções para fins educativos e de pesquisa.

A discussão sobre a otimização dos investimentos na manutenção de coleções permanece fundamentalmente relevante. Ao destacar essa temática, não apenas reforça-se a importância de exposições criativas nos espaços museológicos, mas também ressalta-se a necessidade de estabelecer um compromisso sustentável a longo prazo. Isso assegurará que essas coleções de valor inestimável continuem a enriquecer o cenário do conhecimento acadêmico e a enriquecer a compreensão do público em geral. Ao reconhecer a crítica importância desta dimensão, fortalecemos ainda mais o argumento de que a inovação na comunicação museológica não deve ser dissociada do pleno entendimento da vital necessidade de investimentos contínuos na preservação do precioso patrimônio científico e tecnológico que as universidades guardam.

Referências

- ALMEIDA, Adriana Mortara. **Museus e Coleções universitários**: Por que museus de arte na Universidade de São Paulo? 2001. 311p. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- ARAÚJO, Bruno Melo de; GRANATO, Marcus. Entre o Esquecer e o Preservar: a musealização do Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia. In: GRANATO, Marcus; RIBEIRO, Emanuela Sousa; ARAÚJO, Bruno Melo de (Orgs.). **Cadernos do Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia**: Instituições, trajetórias e valores. 01 ed. Rio de Janeiro: Editora do Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2017. p.231-254.
- ARAÚJO, Bruno Melo de; RIBEIRO, Emanuela Sousa; GRANATO, Marcus. Carta do patrimônio cultural de ciência e tecnologia: produção e desdobramentos. In: GRANATO, Marcus; RIBEIRO, Emanuela Sousa; ARAÚJO, Bruno Melo (Orgs.). **Cadernos do patrimônio da ciência e tecnologia**: Instituições, trajetórias e valores. Rio de Janeiro: Editora do Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2017. p.12-19.
- BORDINHÃO, Katia; VALENTE, Lucia; SIMÃO, Maristela dos Santos. **Caminhos da memória**: para fazer uma exposição. Brasília. 2017.
- CACHÃO, Mario; SILVA, Carlos Marques. **Introdução ao patrimônio paleontológico Português**: definições e critérios de classificação. Geonovas, Lisboa, n.18, p.13-19, 2004.
- CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte; ROSA, Mana Marques. Entre mastodontes e Frankensteins: caminhos para o delineamento de políticas de acervos em museus: caminhos

para o delineamento de políticas de acervos em museus. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**: Mae-USP, São Paulo, v. 24, p.153-162, 12 dez. 2014.

CARVALHO, Ismar de Souza. Fósseis: Importância econômica e social do patrimônio paleontológico. In: GUERRA, Antonio J. T.; JORGE, Maria C. O. (Orgs). **Geoturismo, geodiversidade, geoconservação: abordagens geográficas e geológicas**. São Paulo, Oficina de Textos, 2018. p.163-200

CASTRO, Aline Rocha de Souza Ferreira de; LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de. O patrimônio da ciência e tecnologia relacionada a produção geocientífica: o caso do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. In: GRANATO, Marcus; RIBEIRO, Emanuela Sousa; ARAÚJO, Bruno Melo de. (Org). **Cadernos do patrimônio da ciência e tecnologia**: Instituições, trajetórias e valores. Museu de Astronomia e Ciências Afins. Rio de Janeiro, dezembro de 2017. p.131-150

CLERCQ, Steven W. G.; LOURENÇO, Marta Catarino. **A globe is just another tool**. Understanding the role of objects in university collections. ICOM Study Series, 2003.

COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; BRASILEIRO, Alice de Barros Horizonte. **Acessibilidade a Museus**. Cadernos Museológicos Vol.2. Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro de Museus. – Brasília, DF: MinC/Ibram, 2012.

CURY, Marília Xavier. **Exposição – concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

DELVENE, Graciela; VEGAS, Juana; JIMÉNEZ, Ramón; RÁBANO, Isabel; MENÉNDEZ, Silva. **From the Field to the Museum**: Analysis of Groups-Purposes-Locations in Relation to Spain's Moveable Palaeontological Heritage. Suíça: Geoheritage, 2018.

FRANCIS, David. An Arena Where Meaning and Identity Are Debated and Contested on a Global Scale”: Narrative Discourses in British Museum Exhibitions, 1972–2013. **Curator: The Museum Journal**, v.58, p.41-58, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/CURA.12097>. Acesso em: 27 jun. 2023.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p.57-73, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21728/logcion.2019v6n1>. Acesso em: 27 jun. 2023.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. **Entre cenografias**: o museu e a exposição de arte no século XX. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2004.

JÚNIOR, Anselmo Mendonça; ARAÚJO, Maria do Socorro Sousa. A Universidade Federal de Pernambuco e a Patrimonialização de seus bens culturais: primeiras reflexões sobre a construção de uma política de preservação. In: GRANATO, Marcus; RIBEIRO, Emanuela Sousa; ARAÚJO, Bruno Melo de. (Orgs.). **Cadernos do patrimônio da ciência e tecnologia**: Instituições, trajetórias e valores. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, dezembro de 2017. 332p.

KUNZLER, Josiane; MACHADO, Deusana. Fósseis e patrimônio paleontológico: um retorno ao integral. **Museologia e Patrimônio** - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, v.12, n.2, p.64-96, 2019. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/778/684>. Acesso em: 27 jun. 2023.

LIMA, Jéssica Tarine M. **Políticas de Curadoria e Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia**: uma análise comparativa das coleções de geologia e paleontologia relacionadas ao ambiente universitário no Brasil. Rio de Janeiro, 2021, 263 f. Defesa (Doutorado em Geologia) – Programa de Pós-graduação em Geologia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

LIMA, Jéssica Tarine M; CARVALHO, Ismar de Souza. A comunicação, a divulgação e a política da valorização nas coleções científicas de paleontologia e geologia em âmbito

universitário. *Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio*, v.15, n.1, p.203-242, 2022. DOI: <https://doi.org/10.52192/1984-3917.2022v15n1p203-242>

LIMA, Jéssica Tarine M; CARVALHO, Ismar de Souza. Ex situ scientific collections: geological or cultural heritage? *Geoheritage*, v.13, n.1, p.1-9, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12371-020-00448-5>. Acesso em: 27 jun. 2023.

LOURENÇO, Marta; WILSON, Lydia. Scientific heritage: Reflections on its nature and new approaches to preservation, study and access. *Studies in History and Philosophy of Science*, v.44, n.4, p.744-753, 2013.

MANSUR, Kátia Leite; ROCHA, Antonio José Dourado; PEDREIRA, A.; SHOBHENHAUS, Carlos; SALAMUNI, Eduardo; ERTAL, Flavio C.; PIEKARZ, Gil; WINGE, Manfredo; NASCIMENTO, Marcos A. L.; RIBEIRO, Rogério Rodrigues. Iniciativas institucionais de valorização do patrimônio geológico do Brasil. *Boletim Paranaense de Geociências*, v. 70, p.02-27, 2013.

MARANDINO, M.; LAURINI, C.. A compreensão da biodiversidade por meio de dioramas de museus de zoologia: um estudo com público adulto no Brasil e na Dinamarca. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências* (Belo Horizonte), v.20, p.e8684, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-211720182001018>. Acesso em: 27 jun. 2023.

MAST - MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. *Carta do Rio de Janeiro*. 2017. Disponível em: <http://www.mast.br/images/pdf/Carta-do-Rio-de-Janeiro-sobre-Patrimnio-Cultural-da-Cincia-e-Tecnologia.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2023.

MORAES, Renato de Carvalho. *Materiais e técnicas plásticas de divulgação científica em exposições de Museus Universitários de História Natural*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

NASCIMENTO, Marcos A. L.; RUCHKYS, Úrsula Azevedo. MANTESSO-NETO, Virgínio. *Geodiversidade, Geoconservação e Geoturismo*: Trinômio importante para a proteção do patrimônio geológico. Sociedade Brasileira de Geologia, 2008. 84p.

NIETO Luis Miguel. Patrimonio Geológico, Cultura y Turismo. *Boletín del Instituto de Estudios Giennenses*, n. 182, p.109-122, 2002.

NOVAES, Mariana Gonzalez Leandro. *Patrimônio Científico nas Universidades Brasileiras: políticas de preservação e gestão das coleções não vinculadas a museus*. 2018. 296 f. Tese (Doutorado) - Curso de Museologia e Patrimônio, Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2018.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira; CASTRO, Aline Rocha de Souza Ferreira de; MACHADO, Deusana Machado da Costa; FONSECA, Vera Maria Medina da; KUNZLER, Josiane. Patrimônio Geológico-Paleontológico in situ e ex situ: Definições, vantagens, desvantagens e estratégias de conservação. In: CARVALHO, I. S.; SRIVASTAVA, N. K.; STROHSCHOEN Jr, O.; LANA, C. C. (Eds.) *Paleontologia: Cenários de Vida*. Rio de Janeiro: Interciência Ltda, v.4, 2011. p. 853-869.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. Museus em universidades públicas: entre o campo científico, o ensino, a pesquisa e a extensão. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 88-102, 2013.

SANTOS, Marcelo Andrade dos. *Design de Exposições. Design de uma nova exposição "Tradições e Costumes"*. (Dissertação) Design Miltimédia. Universidade Beira Interior, Covilhã, Portugal. 2020.

SILVEIRA, Giulia Drummond Imazio. *Exposições artísticas: estratégias de instituições museológicas em espaços expositivos contemporâneos*. Dissertação: Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens, Universidade Federal de Juiz de Fora 2021.

SOUZA, T. M. Arte e cidade comprimidas: a exposição como símbolo da modernidade em Georg Simmel. **Revista Novos Rumos Sociológicos**, v. 5, n. 7, Jan/Jul/2017.

TORRES, Claudia Felipe. Hacia una concepción integral del patrimonio universitario: el caso de la Universidad de La Habana. In: GRANATO, Marcus; RIBEIRO, Emanuela Sousa; ARAÚJO, Bruno Melo (Org). **Cadernos do patrimônio da ciência e tecnologia**: Instituições, trajetórias e valores. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2017. p. 49-81.

WILHELM, Vera Regina Barbuy. **Conservação preventiva em vitrines- ontem, hoje e sempre**. Seminário Internacional Museologia e Arquitetura de Museus. Rio de Janeiro, 2005.

Data de recebimento: 25.07.2023

Data de aceite: 13.11.2023